Universidade Federal de Santa Maria
Pró-Reitoria de Graduação
Centro de Educação
Curso de Graduação a Distância de Educação Especial

METODOLOGIA DO ENSINO DE HISTÓRIA

4º Semestre

1ªEdição, 2005

Secretaria de Educação Especial
Secretaria de Educação a Distância
Ministério da Educação

Elaboração do Conteúdo
Prof. Genivaldo Gonçalves Pinto

Desenvolvimento das Normas de Redação
Profa. Ana Cláudia Pavão Siluk
Profa. Luciana Pellin Mielniczuk *(Curso de Comunicação Social | Jornalismo)*
Coordenação

Profa. Maria Medianeira Padoin
Professora Pesquisadora Colaboradora
Danúbia Matos
Iuri Lammel Marques
Acadêmicos Colaboradores

Revisão Pedagógica e de Estilo
Profa. Ana Cláudia Pavão Siluk
Profa. Cleidi Lovatto Pires
Profa. Eliana da Costa Pereira de Menezes
Profa. Eunice Maria Mussoi
Comissão

Revisão Textual
(Curso de Letras | Português)

Profa. Ceres Helena Ziegler Bevilaqua
Coordenação

Marta Azzolin
Acadêmica Colaboradora

Direitos Autorais
(Direitos Autorais | Núcleo de Inovação e de Transferência Técnológica | UFSM)

Projeto de Ilustração
(Curso de Desenho Industrial | Programação Visual)

Prof. André Krusser Dalmazzo
Coordenação
Vinícius de Sá Menezes
Técnico
Vanessa Pinheiro Reyes
Acadêmica Colaboradora

Fotografia da Capa
Prof. Genivaldo Gonçalves Pinto

Projeto Gráfico, Diagramação e Produção Gráfica
(Curso de Desenho Industrial | Programação Visual)

Prof. Volnei Antonio Matté
Coordenação

Clarissa Felkl Prevedello
Técnica
Bruna Lora
Borin da Silva
Acadêmicos Colaboradores

Impressão
Gráfica e Editora Pallotti

* o texto produzido é de inteira responsabilidade do(s) autor(es).

P659 Pinto, Genivaldo Gonçalves
Metodologia do ensino de história : 4º semestre / [elaboração do conteúdo prof. Genivaldo Gonçalves Pinto ; revisão pedagógica e de estilo profa. Ana Cláudia Pavão Siluk... [et al.]].- 1. ed. - Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Graduação, Centro de Educação, Curso de Graduação a Distância de Educação Especial, 2005.
64 p. : il. ; 30 cm.

1. História 2. Ensino I. Siluk, Ana Cláudia Pavão II. Universidade Federal de Santa Maria. Pró-Reitoria de Graduação. Centro de Educação. Curso de Graduação a Distância de Educação Especial. III. Título.

CDU: 94:37

Ficha catalográfica elaborada por
Maristela Eckhardt CRB-10/737
Biblioteca Central - UFSM

Presidente da República Federativa do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Educação

Fernando Haddad
Ministro da Educação

Prof. Ronaldo Mota
Secretário de Educação a Distância

Profa. Cláudia Pereira Dutra
Secretária de Educação Especial

Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Paulo Jorge Sarkis
Reitor

Prof. Clóvis Silva Lima
Vice-Reitor

Prof. Roberto da Luz Júnior
Pró-Reitor de Planejamento

Prof. Hugo Tubal Schmitz Braibante
Pró-Reitor de Graduação

Profa. Maria Medianeira Padoin
Coordenadora de Planejamento Acadêmico
e de Educação a Distância

Prof. Alberi Vargas
Pró-Reitor de Administração

Sr. Sérgio Limberger
Diretor do CPD

Profa. Maria Alcione Munhoz
Diretora do Centro de Educação

Prof. João Manoel Espinã Rossés
Diretor do Centro de Ciências Sociais e Humanas

Prof. Edemur Casanova
Diretor do Centro de Artes e Letras

**Coordenação da Graduação
a Distância em Educação Especial**

Prof. José Luiz Padilha Damilano
Coordenador Geral

Profa. Vera Lúcia Marostega
Coordenadora Pedagógica e de Oferta

Profa. Andréa Tonini
Coordenadora dos Pólos e Tutoria

Profa. Vera Lúcia Marostega
Coordenadora da Produção do Material do Curso

**Coordenação Acadêmica do Projeto de
Produção do Material Didático - Edital MEC/
SEED 001/2004**

Profa. Maria Medianeira Padoin
Coordenadora

Odone Denardin
Coordenador/Gestor Financeiro do Projeto

Lígia Motta Reis
Assessora Técnica

Genivaldo Gonçalves Pinto
Apoio Técnico

Prof. Luiz Antônio dos Santos Neto
Coordenador da Equipe Multidisciplinar de Apoio

Sumário

APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA 05

UNIDADE A

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS HISTÓRICOS 07

1. A História, as Fontes de Construção da História (documentos históricos) 09
2. O Fato Histórico 12
3. O Tempo Histórico 14

UNIDADE B

AS TEORIAS E METODOLOGIAS DA HISTÓRIA 21

1. O Positivismo 23
2. O Historicismo 26
3. O Marxismo 27
4. A História dos Annales 29
5. A Nova História Cultural 31
6. A Micro-História 32
7. A História Regional 34
8. A Pós-Modernidade e a História 35

UNIDADE C

O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES E CONCEITOS DE HISTÓRIA 37

1. O Desenvolvimento de Habilidades Sociais 39
2. Desenvolvimento de Conceitos de Tempo, Memória e Relações Sociais 43

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas 53

Apresentação da Disciplina

METODOLOGIA DO ENSINO DE HISTÓRIA

4º Semestre

A disciplina de História não está no contexto das mais atrativas pelos estudantes brasileiros e muito menos pelos pensadores responsáveis por difundir a educação neste país. Sua carga-horária é tímida e em muitos casos os professores se utilizam de metodologias conservadoras e ineficazes, tornando a aula um processo de sofrimento e desinteresse acentuados.

Mesmo assim, devemos insistir em viver o ensino/aprendizagem de História como um processo de auto-conhecimento e de pesquisa de nosso próprio passado, como uma necessidade incansável de dar mais luz à cultura que nos permitiu estar no pleno exercício de nossas capacidades de gerar inteligência, trabalho e motivação para seguirmos adiante.

O exercício do ensino/aprendizagem da História não se faz somente pela memorização de datas e fatos importantes, reconhecendo o destaque dos heróis e dos anti-heróis vistos na maioria das vezes de forma míope. O ensino/aprendizagem da História deve suscitar um preito de gratidão pelos homens e mulheres que nos legaram nossas tradições, nossos sentimentos de dor e alegria. Viver o ensino/aprendizagem de História requer a curiosidade de um sábio, a destreza de um cientista e a paixão de um artista.

Para finalizar esta pequena introdução, convido a todos os alunos a conhecer este Caderno Didático e, a colocá-lo a serviço de suas necessidades e possibilidades de tornar o conhecimento uma prática mais saudável e mais feliz.

Esta disciplina será desenvolvida com uma carga horária de trinta (30) horas/aula.

Entenda os nossos ícones!

!	**Alerta** Alerta o leitor sobre algum assunto que está sendo tratado no momento.
+	**Saiba Mais - Recomendação** Indica fontes externas e outras leituras, como livros, sítios na internet, artigos, outros itens da própria apostila, etc.
	Conteúdos Relacionados Sugere ao aluno conhecer um ou mais conteúdos específicos para melhor entendimento do conteúdo atual.
	Atividades As atividades dizem respeito aos exercícios abordados no tópico anterior, podem ser analógicas ou digitais.

UNIDADE A

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS HISTÓRICOS

Objetivos da Unidade

Ao final desta Unidade, espera-se que o aluno seja capaz de:

- Identificar e caracterizar os objetivos da História.
- Identificar como nasceu o estudo da História.
- Verificar como interpretar o fato e o tempo históricos.

Introdução

Nesta unidade verificaremos a importância que o estudo da História teve na preservação dos feitos da humanidade ao longo dos tempos, servindo de arcabouço moral e social na construção da identidade de uma nação. O tempo transforma a paisagem e produz marcas nas feições e alma humanas, e a História, sua guardiã eterna, registra e conserva essas transformações. Aqui será mostrado também, como a ciência histórica interpreta esses acontecimentos e, como são classificados didaticamente de acordo com a temporalidade.

1 A História, as Fontes de Construção da História (documentos históricos)

Do grego *história*, "história" significa investigação, informação, narração. É a ciência que se ocupa de estudar e registrar o passado em todos os campos desse saber.

Em seu nascedouro grego, têm-se entre outros baluartes dessa ciência: Hecateu de Mileto (550 - 474 a.C.), que resolveu escrever sobre os gregos por acreditar que as lendas não condiziam com a verdade; Heródoto de Halicarnasso (490? - 420 a.C.), considerado o pai da "História" por ser o primeiro a empregar o termo com o sentido de investigação/pesquisa, estudioso da guerra entre Persas e Gregos; Tucídides (Atenas, 460 - Trácia, 390 a.C.) e um dos mais famosos, Homero (Jônia, 850 a.C. - ?), possível autor de dois dos maiores clássicos da literatura mundial, "Ilíada e Odisséia".

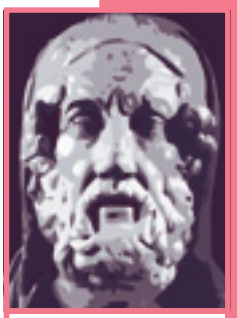
O passado de que se encarrega o pesquisador, nem de longe se liga à coisa morta. Todos os fatos e dados do passado estão de alguma maneira adormecidos a espera de alguém que possa vê-los, decifrá-los, desenterrá-los, tirá-los do esquecimento e dar-lhes novo tratamento e imprimir-lhes noções ou juízos de valor. Somos e vivemos em função das heranças materiais e não-materiais do passado mais recente ao mais remoto, como que um resultado de todos os conflitos e de todas as contradições, um passado construído e destruído, reconstruído e novamente destruído por um sem número de vezes.

O resultado da pesquisa do historiador é através desse encontro com o passado, uma reconstrução, uma recriação, uma invenção daquele passado objeto de pesquisa. Não se volta ao passado muito menos se reproduz o passado, o que se faz é a sua recriação muito próxima de uma invenção, podendo constituir-se conforme diz Pinto (2005, p. 113) "em um exercício de prazer ou de dor" porque, nessa viagem pelo tempo pode-se viver através da documentação, momentos de alegria, louvor ou de desespero e lamentações.

Quanto às fontes de pesquisa e reconstrução histórica, baseiam-se em dois tipos:

a) Documentos Primários.

b) Documentos Secundários.



Vinícius de Sá Menezes

Homero é tido como autor de *Ilíada* e *Odisséia*, duas das mais clássicas obras da literatura mundial. *Ilíada*, narra a história da Guerra de Tróia e *Odisséia* narra as aventuras do herói grego Ulisses, rei de Ítaca e um dos comandantes militares no ataque grego a Tróia. Essas duas histórias estão disponíveis em livros ofertados pelo mercado editorial, com os mesmos títulos aqui referidos.

O tema poderá ser visto também em: BORGES, Vavy Pacheco. **O Que é História.** São Paulo: Brasiliense, 1980.

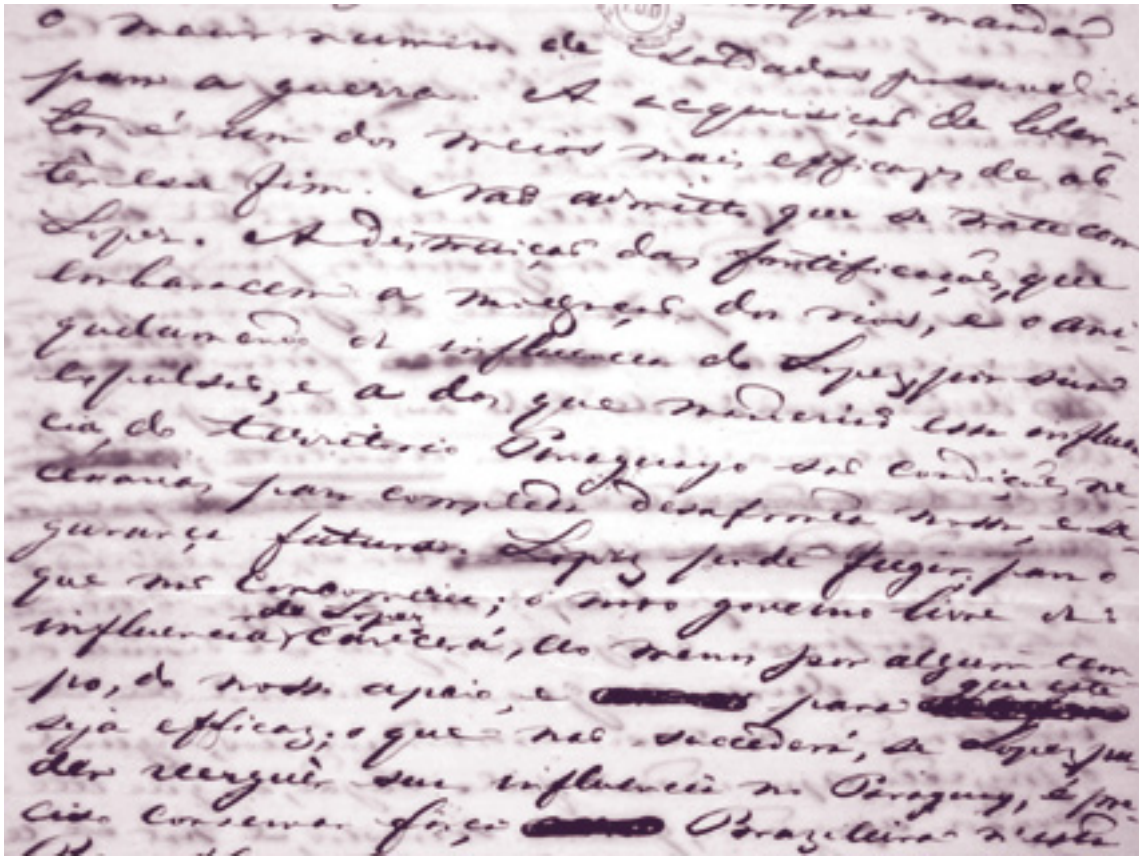


Figura A.1: Como exemplo de fonte primária, aqui temos o Fac-símile das considerações (um pequeno trecho) sobre a Guerra do Paraguai, do próprio punho de D. Pedro II, escrito em 14 de janeiro de 1868.
Fonte: Arquivo Histórico do Museu Imperial em Petrópolis, RJ.

Os documentos primários são documentos originais, aqueles produzidos pelos atores dos fenômenos, no próprio tempo e local da ação. Quanto aos documentos secundários são os resultantes ou elaborados a partir dos documentos primários, como por exemplo, uma dissertação, uma tese, um livro etc.

Os documentos são parte fundamental para a compreensão do passado. Isto significa dizer que podem eles não terem sido produzidos para o registro daquele momento histórico e, portanto nas mãos do pesquisador, deverão ser avaliados sobre a condição do seu autor, a posição que tinha, que papel desempenhava, a que grupo social pertencia e mais. Os documentos são via de regra fragmentos do tempo e do espaço, numa privilegiada condição de testemunhas. Mesmo nesta condição esses documentos não falam por si só, necessitam do pesquisador atento, curioso e investigador a inspecioná-los para que então revelem a sua mensagem.

Outra tarefa que às vezes parece árdua e em outros momentos parece fácil, é o estabelecimento do que vem a ser documento. De maneira geral, tudo pode ser considerado documento: material manuscrito e impresso, assinaturas, fotografias, filmes, livros, eletro-domésticos, eletro-eletrônicos, discos de vinil, partituras musicais, peças de roupas e acessórios, móveis, objetos de decoração, gravações de áudio, vídeos, músicas, imóveis, objetos de uso pessoal, cartas, jóias, restos de alimentos, restos humanos, sinais do corpo humano deixados em utensílios, paisagens, relatos orais, ferramentas e utensílios de trabalho pessoal industrial e comercial, casas comerciais, meios de transporte, meios de comunicação, mapas e cartas geográficas, plantas arquitetônicas, templos religiosos, cemitérios, cardápios, jornal, revista, material de demolição, calendário, agenda, diário, atas, receitas médicas, documentos de identificação pessoal e funcional, utensílios domésticos, provas, documentos produzidos por todos os níveis de governo etc.

Para cada um dos itens listados existem certos cuidados a serem observados no momento de fazer sua leitura, porém, não cabe aqui realizar considerações a respeito de todas, mas a título de ilustração, falaremos de dois deles, sendo o primeiro, a fotografia do século XIX, principalmente na sua segunda metade aqui no Brasil. Naquele momento, a fotografia era uma atividade muito elitizada e somente os mais afortunados tinham acesso a ela, embora muitas fotos mostrassem pessoas simples e escravos.

Para fotografar, era preciso que o objeto ficasse imóvel por cerca de um minuto, tempo necessário para a gravação da imagem no filme. Se houvesse um movimento por menor que fosse, a imagem mostraria um certo embaçamento, um tremor típico de fotos em movimento. Hoje, as câmeras possuem obturadores de maior velocidade e, capturam imagens de extrema nitidez sem os problemas de tempo de exposição.

O segundo exemplo sobre como se comportar diante de um documento, é quanto ao ferro de passar roupas, aquecido por brasas. Ao estudá-lo o historiador dentre tantas outras informações possíveis, poderá inferir que a pessoa que o utilizava deveria ter um controle grande da temperatura para não danificar o tecido. Deveria ser mantido um fogo provavelmente em fogão à lenha, enquanto se preparava algum alimento concomitantemente, para não desperdiçar o fogo. Tem-se também que as roupas deveriam ser feitas por um tecido mais grosso e resistente que os de hoje. Também se deduz que a passadeira deveria ter braços não muito fracos, porque seu peso requeria força e habilidade.

Atividade - A.1

Pesquise em arquivos da Prefeitura ou outras fontes de **documentos históricos** de seu Município, documentos primários que tenham ligação direta com a história de sua cidade. Em seguida busque encontrar os **documentos secundários**, livros por exemplo, tratando do mesmo tema, qual seja, a história de seu Município.

2 O Fato Histórico

O acontecimento, o fato histórico, são os vestígios do pretérito perseguidos pelos historiadores ou estudantes. O fato histórico escolhido é um destaque, a escolha de um determinado objeto de seu interesse, ligado a um evento político, um conflito, uma comemoração de caráter isolado, de importância regional, nacional ou internacional. Pode também estar ligado à arte, a religião, ao governo, a aprovação ou negação de uma nova lei, ao trabalho, às crianças, às mulheres, aos negros, às pessoas de nações indígenas, enfim, há um leque vasto de motivos. São, portanto, ações humanas que podem ter alterado substancialmente a vida coletiva, ou terem agido pela sua manutenção.

Segundo Le Goff (1992, p. 524) ao invés de "fato", deve ser dada maior ênfase ao "dado" histórico - utilizado pelos historiadores com sendo "tema" -, principalmente na metodologia da arquivística. Pelo que observamos sob o ponto de vista dos arquivos no momento da pesquisa, se posta em prática, sua idéia auxiliaria sobremaneira ao pesquisador, exigindo dos arquivos uma nova visão de conformação espacial do mesmo conteúdo arquivístico.

Um exemplo prático é o de se buscar pesquisar no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, a Passagem de Humaitá - ponto de inflexão da Guerra da Tríplice Aliança Conta o Governo do Paraguai. Deveremos pedir ao profissional do arquivo os documentos sobre a Guerra do Paraguai e dentro deles procurar pela batalha de interesse. E mais, ao procurar com mais rigor, levando-se em conta o tempo suficiente para a tarefa, e também o fator sorte, descobre-se os documentos denominados por "Autoridades Militares - Diversos (1863-1888) - 1868 Guerra do Paraguai - Cartas dos Combatentes", contendo a carta de um comandante de unidade do exército brasileiro, tecendo comentários sobre o episódio.

Interpretando dessa forma, descobrimos dentro de um fato histórico, alguns dados. Isso porque todo fato histórico, ainda que trazido na sua singularidade temática, não está isolado do contexto de sua época dos acontecimentos que o circundam. A Guerra do Paraguai, por exemplo, é um fato histórico repleto de dados de extrema relevância, pondo à mostra, portanto inúmeros temas para estudo e pesquisa.

Ponto de Inflexão: momento em que há uma profunda mudança nos rumos de uma guerra (ou de qualquer ação) provocada por algum sucesso, algum acontecimento de suma importância.

Você Sabia?

A Passagem pela Fortaleza de Humaitá localizada no Rio Paraguai, ocorrida em 19 de fevereiro de 1868, proporcionou uma mudança significativa nas condutas de guerra em favor dos aliados.

Figura A.2: Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai (1865 - 1870). Ataque na região do Boquerão visto de Potrero Piris.

Fonte: FÈVRE, Fermín. **Cándido López.** Buenos Aires: Bifronte, 2000.

Atividade - A.2

Pesquise em arquivos particulares dados que comprovem determinados acontecimentos importantes na história de sua cidade. Esses vestígios podem ser verificados por álbuns de fotografias, por exemplo. As chances de se fazer descobertas interessantes são muito grandes.

3 O Tempo Histórico

Um dos grandes mistérios sobre o Planeta Terra é sem dúvida, qual a sua idade, há quanto tempo ele existe. A humanidade desenvolveu uma série de artifícios - processos físicos e químicos investigados em laboratório - com vistas a responder essa pergunta, não indo além da hipótese de que há pelo menos uns quatro ou cinco bilhões de anos. Embora seja um número expressivo, não é conclusivo, por representar mais um conceito de aproximação que o de exatidão.

Essa resposta envolta em hipóteses está ancorada nas geociências, através de um trabalho denso. As pesquisas dessas ciências encarregadas de medir a idade da Terra chegaram à conclusão de que a evolução de tudo o que ocorreu nela do período mais remoto até o atual, pode ser interpretado didaticamente da seguinte forma:

Fato mais marcante	Início	Época	Período	ERAS
Possível idade da Terra	4.600.000.000		Arqueano	ARQUEO ZÓICA
Primeiros sinais de vida aquática	1.100.000.000		Algonquiano	PROTERO ZÓICA
Primeiros vegetais (algas)	700.000.000		Pré-cambriano	
Fauna marinha	495.000.000		Cambriano	PALEOZÓICA (PRIMÁRIA)
Moluscos e crustáceos	435.000.000		Ordoviciano	
Plantas e animais terrestres	405.000.000		Siluriano	
Peixes anfíbios e miriápodes	355.000.000		Devoniano	
Primeiros répteis e florestas	275.000.000		Carbonífero	
Coníferas gigantes	225.000.000		Permiano	
Répteis gigantescos	185.000.000		Triássico	MESOZÓICA (SECUNDÁRIA)
Primeiras aves com dentes	140.000.000		Jurássico	
Aspecto atual da flora	140.000.000		Cretáceo	
Mamíferos placentários	75.000.000	Paleoceno	Terciário	CENOZÓICA
Extinção dos primeiros mamíferos	55.000.000	Eoceno		
Mamíferos superiores	35.000.000	Oligoceno		
Início das glaciações	23.000.000	Mioceno		
Primeiros hominídeos	12.000.000	Plioceno		
Homem primitivo	1.000.000	Pleistoceno	Neozóico Antropozóico ou Quaternário	
Homens e animais modernos	25.000	Holoceno (Atual)		

Figura A.3: Samambaia, evolução das Pteridófitas (do grego vegetal com asas), gigantescas árvores pertencentes ao período Siluriano da Era Paleozóica.

O tempo é a mais antiga companhia do ser humano e neste paradigma natural estão contidas outras categorias de mensuração tais como, o dia, a noite, os ventos, a chuva, o frio, o calor, as estações e as gerações. Através dele olha-se para uma época que passou que se vive ou que se pretende passar. É uma medida de extrema relevância, base de muitas outras formas de se contemplar a vida e/ou a morte.

O entendimento de "Tempo Histórico" está ligado à contagem das épocas ou eras da História - tempo cronológico -, contemplando as concepções temporais de algumas ciências e de algumas culturas, mas acima de tudo, é um conjunto de referências que dá suporte às homenagens das ações humanas e de suas divindades.

O que se pode constatar é que existem inúmeras maneiras de se contar o tempo e, portanto existem inúmeras concepções de tempo. Apesar disso, temos hoje consagrado como métrica temporal universal um calendário cristão, ocidental, inspirado nas tradições romanas, conhecido por calendário gregoriano por ter sido idealizado por ordem do Papa Gregório XIII em 1582. Alguns dos calendários de que se tem conhecimento são: maia, juliano, hebreu, chinês e muçulmano, sendo que os três últimos existem concomitantemente ao gregoriano.

Temos hoje didática e historicamente consagrada a divisão temporal da evolução da humanidade baseada em uma cultura ocidental em detrimento da oriental, principalmente da chinesa, da seguinte forma:

Antes de Cristo (a.C.)							Depois de Cristo (d.C)
Pleistoceno/Holoceno							
Pré-história		História					
Paleolítico (idade da pedra lascada)	Neolítico (pedra polida)	Idade dos Metais					
de 3,5 milhões a.C. a 10.000 a.C.	de 10.000 a.C. a 4.000 a.C	4.000	3.500	3.000	0	1.500	2.006
Surge o ancestral do homem. As terras do atual Brasil, são habitadas desde o ano 13.000.	Homo Sapiens Sapiens. Invenção da agricultura. Invenção da cerâmica (recipientes).	Invenção da Escrita.	Surgem as primeiras civilizações. Invenção da roda. Inveção do arado tracionado por bois.	Início da construção das Pirâmides no Egito (2.700)	Nasci mento de Jesus de Nazaré, "o Cristo".	Chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil.	Ida do primeiro astronauta brasileiro ao espaço.

Embora este quadro traduza pontualmente datas e acontecimentos principais, é uma cronologia um pouco abstrata, inexata, primeiro porque os vários fatores da evolução humana não aconteceram em todos os lugares da Terra ao mesmo tempo, e segundo porque existem algumas diferenças na metodologia de suas datações pelos diversos profissionais da área. Um exemplo disso é a invenção da escrita tida por alguns como tendo ocorrida em torno do ano 5.000 a.C. Contudo, aqui está uma idéia aproximada, não conflitante, entre as várias metodologias de mensuração da cultura humana.

	Detalhamento	Marco Cronológico
Grande Divisão		
Pré-História		Compreende o período que vai do surgimento do homem, há cerca de 3,5 milhões de anos atrás, até o advento da escrita, em torno de 4.000 a.C.
História	Idade AntigA	Desde o surgimento da escrita até a queda do Império Romano do Ocidente, em 476 d. C.
	Idade Média	Desde o pós-queda do Império Romano do Ocidente até a conquista de Constantinopla (atual Stambul) capital do Império Romano do Oriente pelos turcos (1453 d. C.). Divide-se em duas fases: Alta Idade Média (séc. V X) e Baixa Idade Média (séc. X XV).
	Idade Moderna	Desde o pós-queda do Império Romano do Oriente à Revolução Francesa, em 1789.
	Idade ContemporÂNea	Desde a Revolução Francesa, até os dias atuais.

No quadro anterior, verificamos as duas grandes divisões abrangidas pelo estudo da História. Importante de assinalar que a divisão entre História e Pré-História se dá em função do surgimento da escrita. Na medida em que se descobrem escritas mais antigas, esse marco cronológico vai sendo deslocado.

É também importante de se notar, que a escrita é algo muito importante nessa métrica, mas também algo sujeito a interpretações difusas.

O primeiro grande ponto para se discutir é o que se entende por escrita. A partir de então, pode-se verificar que se encontram fora desse entendimento, por exemplo, as pinturas rupestres. Pode-se ou não interpretá-las como uma forma de escrita? Alguns defendem que não e outros pesquisadores que sim. Particularmente acreditamos que se pode ter nas pinturas rupestres, os traços embrionários da escrita, uma forma original nas mãos de uma inteligência que no fundo, entre outras intenções, dissertava sobre o que acontecia à sua volta, registrava a sua vida e sua história.

Vinícius de Sá Menezes

Figura A.4: Arte Rupestre em parede rochosa de caverna

Assim pensando, pode-se ter outra data para essa divisória como, por exemplo, 50.000 anos atrás, porque têm-se pelo mundo afora, muitos registros de inscrições rupestres.

De qualquer forma, a arte rupestre é uma forma de se registrar nas paredes rochosas parte do cotidiano da vida humana primitiva. Não pode ser vista só como uma exposição de artes feitas por nossos ancestrais. É uma forma de comunicar aos demais, o que de fato acontecia na vida do grupo que vivia naquele lugar.

Atividade Final

Participe de viagens a lugares como museus e/ou parques temáticos, onde possam ser vistos os sinais que o tempo deixou. Deixamos como sugestão, conhecer o Município de Mata, região central no Estado do Rio Grande do Sul onde são inúmeros os vestígios da Era Paleozóica.

Arte Rupestre: Desenhos e Pinturas realizadas pelos nossos ancestrais nas paredes rochosas das cavernas. Usando entre outras substâncias, argila, sangue e excrementos para imprimir as figuras, podem ser vistos como um diário em que relatam acontecimentos especiais, a rotina do dia-a-dia ou mesmo significar uma forma de comunicação.

UNIDADE

B

AS TEORIAS E METODOLOGIAS DA HISTÓRIA

Objetivos da Unidade

Ao final desta Unidade, espera-se que o aluno seja capaz de:

- Reconhecer diferentes teorias da História e suas contribuições para a educação.
- Refletir e debater sobre a importância dos conteúdos da História na formação da identidade de novos sujeitos históricos.
- Proporcionar a utilização de diferentes métodos de pesquisa e produção de textos históricos.

Introdução

Nesta unidade, serão mostradas as teorias mais populares no seio do pensamento científico para a interpretação da História. Mesmo que a tentativa seja a de transcrever as idéias principais que diferenciam uma da outra, será possível verificar - e não houve tentativa de ocultar - na prática que, as classificações não conseguiram estabelecer critérios rígidos. Portanto, é um método que não dispensa a mobilidade ou flexibilidade, de modo que dois estudiosos poderão executar classificações diferentes um do outro sobre o mesmo objeto de estudo, sem que isso constitua erro.

1 O Positivismo

Doutrina filosófica surgida na segunda metade do século XIX, através do seu principal teórico, Auguste Comte (Montpellier, 1798 - Paris, 1857), e sua pioneira utilização tendo ocorrida por Claude Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon (Paris, 1760 - Paris, 1825).

Segundo o próprio Comte, os fundamentos do pensamento positivista já existiam em alguns gregos clássicos estudiosos de cosmologia, e mais recentemente por Francis Bacon (Londres, 1561 - Londres, 1626), Galileo Galilei (Pisa, 1564 - Arcetri, 1642) e René Descartes (Haia, atual Descartes,1596 - Estocolmo, 1650) como os fundadores da filosofia positiva.

Ao Positivismo fez-se uma analogia direta ao verdadeiro espírito científico, prendendo-se aos significados do real, evidente, indubitável, vivenciado pela experiência (empírico) e dela extraindo as relações existentes. Os defensores dessa vertente histórica pretendiam que ela pautasse sua metodologia nas exigências da exatidão científica, devendo para tanto preocupar-se em simplesmente prender-se ao relato das causas e efeitos dos fatos tal como aconteceram, deixando para a sociologia a preocupação em interpretá-los. A exatidão deveria ser a obsessão.

Contrapunha-se, portanto ao Negativo, constitutivo até então de teorias, fábulas, idealismo, intuição, não se apresentando como fenômeno. Assim expressando-se, Comte, contemporâneo de uma época em que era moda as idéias estarem pautadas na investigação científica como forma modelar de organização do raciocínio, acreditava que as ciências e o espírito humano desenvolviam-se através de três fases: a teológica, a metafísica e a positiva.

Na fase teológica a imaginação desempenha um papel fundamental. Ao ver-se frente à grandiosidade e multiplicidade da Natureza, o homem não consegue explicá-la a não ser pela existência de pessoas e do sobrenatural, portanto deuses e espíritos, o que redunda em possibilidade de normatização moral. Tais princípios são o campo fértil para a existência da monarquia e sua estrutura militar.

Encontra-se subdividida essa fase da seguinte forma: fetichismo, politeísmo e monoteísmo. No fetichismo a vida espiritual tal qual acontece com o homem é atribuída aos seres naturais. No politeísmo os seres naturais não possuem espiritualidade, mas uma vida sustentada pelas divindades pertencentes ao mundo superior. No monoteísmo as divindades estão reunidas em uma só divindade - deus único - tornando o homem mais distante daquele plano superior, estando na transição para o metafísico.

Na fase metafísica o concreto é substituído pelo abstrato e a imaginação pela argumentação - idéias tomando o lugar da vontade divina, onde o homem e a natureza não estariam mais subjugados ao sobrenatural -, havendo, portanto uma dissociação da fase teológica, embora ambas as fases primem pela busca da explicação da origem, destino e de como são produzidas as coisas. Assim sendo esse pensamento influiria no campo político a ponto de primar pela substituição do juízo real pelo juízo dos juristas, encontrando-se a sociedade ordenada por um

contrato com base no povo soberano diante do Estado.

Na fase positiva a imaginação e a argumentação estão subordinadas à observação - presença marcante de sábios e cientistas -, tornando impossível a explicação dos fenômenos pelos argumentos de divindades, natureza ou algo que o valha. Os fatos, fenômenos, antecedem e motivam um enunciado de forma positiva. Não são mais importantes as causas, mas fundamental a pesquisa das leis que os motivam, bem como as relações entre outros fenômenos.

É, segundo Comte, uma fase de ações intelectuais coletivas e, portanto promotora da fraternidade, locus fértil da união entre teoria e prática. Tomando-se por base a comunhão intelectual voltada para a observação dos fenômenos e o conhecimento do mecanismo de suas relações, a fase positiva acredita poder existir num estado de previsibilidade científica. Partindo do seu lema, "ver para prever", viver-se-ia num estado de progresso científico positivo pautado na produção industrial.

Vinícius de Sá Menezes

Figura B.1: Auguste Comte

Auguste Comte

Filósofo e matemático francês nasceu em Montpellier a 19 de janeiro de 1798, e faleceu em Paris em 1857, tornando-se o principal teórico do Positivismo. Com dezesseis anos ingressou na Escola Politécnica de Paris fundada em 1794. Nessa escola que resultou da Revolução Francesa e do desenvolvimento da ciência e da técnica fomentadores da Revolução Industrial, estudou por apenas dois anos. Considerava-a a primeira comunidade verdadeiramente científica devendo servir de modelo a toda educação superior. Era uma época e ambiente de significativa influência no seu pensamento. Escreveu inúmeras obras dentre as quais: Curso de Filosofia Positiva; Discurso sobre o Espírito Positivo; Política Positiva ou Tratado de Sociologia Instituindo a Religião da Humanidade; Catecismo Positivista ou Exposição Sumária da Religião Universal. Foi contemporâneo de intelectuais expressivos e influentes em seu pensamento quer por ter vivido com eles, que por ter sido seu aluno ou por ter estudado suas obras, dente tantos, os seguintes: Lagrange (1736 -1813); Pierre Simon de Laplace (1749-1827); Saint-Simon (1760 - 1825), de quem foi secretário e de quem recebeu influências decisivas; John Stuart Mill (1806-1873); Adam Smith (1723 - 1790) e David Hume (1711 - 1776). No Brasil, lugar onde os textos positivistas tiveram um campo fertilíssimo inspirou personalidades ilustres, dentre as quais o General Benjamin Constant (1836 - 1891), herói da Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai, ideólogo e um dos promotores da República. O lema "Ordem e Progresso" inscrito em nossa Bandeira é um dos lemas do Positivismo comteano.

Claude Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon

Nasceu em Paris em 17 de outubro de 1760, e faleceu na mesma cidade em 19 de maio de 1825. Escritor, ativista político e economista, mas acima de tudo um idealista, foi também militar desde os 17 anos, tendo combatido ao lado dos americanos na sua Guerra de Independência em 1781. De volta a França, abdicou de seu título nobiliárquico aderindo à Revolução Francesa. Combateu na Guerra dos Cem Dias (em 1815) sob o comando de Napoleão Bonaparte, passando-se a opositor dos Bourbons logo em seguida. Publicou dentre tantas, as seguintes obras: Cartas de um Habitante de Genebra a seus Contemporâneos; Memórias Sobre a Ciência do Homem; O Sistema Industrial e Opiniões Literárias, Filosóficas e Industriais.

Atividade - B.1

Em nossa Bandeira Nacional existe uma faixa branca com a inscrição "ORDEM E PROGRESSO" em letras verdes, uma frase de inspiração positivista. Pesquise sobre as razões e os significados que essa intenção sugere.

2 O Historicismo

Esta doutrina defende a idéia de que para a compreensão da ação humana e a plenitude das implicações sociais e políticas de que é composta, deve ser visto, em cada ação, um fenômeno dinâmico resultante da ação do tempo e, por isso mesmo, componente de um todo maior em constante evolução.

O Historicismo pensa a história de forma radical. Faz crer que somente a história é que possui todos os instrumentos adequados para se pensar e analisar a realidade e o ser humano, uma vez que sua essência está no saber e na reflexão. Assim sendo, a realidade, o cotidiano, são o fruto de uma evolução histórica e a razão - ação da essência humana - é o motor da história, conforme pensava um dos seus inspiradores, o filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (Stuttgart 1770 - Berlim 1831).

Toda ação humana é, por si só, um feito histórico porque está carregada de significados importantes para a sua vida. Tudo é história, todos fazem história por mais ativo ou por mais inativo que seja a pessoa.

Dialética: de acordo com Hegel, é a presença da natureza da contradição, da oposição, nos fenômenos, ou seja, o exame dos fenômenos em sua totalidade, como afirmação e negação. Para Marx, o mundo material não é o reflexo da "Idéia Absoluta", mas as idéias é que são o reflexo do mundo material.

Vinícius de Sá Menezes

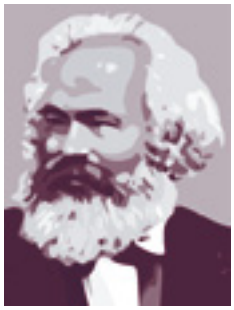
Figura B.2: Georg Wilhelm Friedrich Hegel

3 O Marxismo

Conjunto de doutrinas de ordem econômica, política e social formuladas pelos alemães Karl Heinrich Marx (Trier 1818 - Londres 1883) e Friedrich Engels (Barmen 1820 - Londres 1895), entre 1848 e 1867.

Marx e Engels inspiraram-se no idealismo alemão de Friedrich Hegel (1770-1831), no materialismo filosófico francês do século XVIII e na economia política inglesa do começo do século XIX. No marxismo, a principal característica de qualquer sociedade está no modo de produção que segundo uma ótica evolucionista, passaria pelas etapas escravista, feudal, capitalista, socialista e comunista, constituindo a própria História e sendo determinada pelas relações de produção. O processo produtivo proporciona aos homens a produção de suas próprias condições materiais de existência, e em razão disso a História seria a interminável luta entre classes sociais antagônicas pelos mais variados interesses. Segundo o marxismo, esse conflito só desapareceria com a instalação da sociedade comunista, forma de convivência mais igualitária e justa, onde o Estado inexistiria e onde não haveria divisão social nem exploração do trabalho humano e cada indivíduo receberia as condições materiais de existência conforme a sua capacidade e necessidade.

Segundo o marxismo, o capitalismo é o modo de produção em que a burguesia concentra o seu capital e os seus meios produtivos (equipamentos, instalações, utensílios e matérias-primas), com o objetivo de explorar o trabalho do proletariado, de forma a mantê-lo pobre e alienado. Nessa condição contraditória de exploração da classe que lhe mantém - a trabalhadora -, o capitalismo fornece os meios de sua própria destruição ao fomentar o acirramento da luta de classes a um ponto tal que o proletariado (trabalhadores) acabaria por se unir derrotando a burguesia (capitalistas) e fazendo surgir o comunismo.



Vinícius de Sá Menezes

Figura B.3: Karl Heinrich Marx

Karl Marx

Economista, filósofo e socialista alemão, nasceu em Trier em 5 de Maio de 1818 e morreu em Londres a 14 de Março de 1883. Estudou Filosofia nas Universidades de Berlim e formou-se na de Iena. Em 1842, suas publicações à frente da redação de um jornal em Colônia irrita as autoridades e é forçado a mudar-se para Paris em 1843, conhecendo no ano seguinte Friedrich Engels, seu companheiro de todas as horas para o resto da vida. No mesmo ano e lugar, rompe com um grupo de intelectuais a que estava ligado, e, em 1845 foi expulso da França passando a viver em Bruxelas. Em 1848, publica o Manifesto Comunista - teoria revolucionária - em parceria com Engels. Tempos depois retorna a Paris mas, expulso pela

Alienação: segundo Marx, processo em que as pessoas quando separadas de alguns aspectos de sua existência, ficam sujeitas ao controle de forças externas a sua vontade. No capitalismo, essas pessoas ao alienarem sua força de trabalho e ao verem o produto de seu trabalho alienado, tornam-se também alienados.

Burguesia: Classe social nascida do desenvolvimento comercial e urbano dos burgos (cidades) europeus na Baixa Idade Média (séculos XI ao XV). Exerce papel fundamental no processo de acumulação de riqueza e no financiamento da Revolução Industrial. Torna-se, então, proprietária do capital e dos meios de produção, dominando os setores econômico, social e político das sociedades ocidentais.

Capitalismo: sistema econômico caracterizado pela propriedade e iniciativa privadas dos meios de produção, exploração do trabalho livre assalariado e acumulação de capital através do lucro.

Classe Social: cada um dos grupos conformadores da sociedade. No capitalismo e segundo Marx, estavam divididos em proprietários dos meios de produção (burguesia) e assalariados (proletários).

Comunismo - sistema econômico-social baseado na propriedade coletiva dos meios de produção (o Estado inexiste), onde o interesse comum da sociedade se sobrepõe ao dos indivíduos.

Comunismo Marxista: O Manifesto Comunista escrito em 1848, pelos pensadores alemães Karl Marx e Friedrich Engels, afirma que o comunismo seria o estágio final da organização político-econômica humana. A sociedade viveria num coletivismo, sem divisão de classes nem a presença de um Estado coercitivo. Para chegar ao comunismo, os marxistas prevêem um estágio intermediário de organização, o socialismo, que instala uma ditadura do proletariado para garantir a transição. Essa ditadura promove a destruição completa da burguesia, abole as classes sociais e desenvolve as forças de produção, de modo que cada indivíduo contribui segundo a sua capacidade e recebe segundo suas necessidades.

Estratificação Social: formação em classes ou camadas sociais.

Ideologia: termo de significado difícil, pode em alguns casos significar o conjunto de crenças que determina a ação de um grupo social ou político em determinado período na busca da satisfação de seus interesses. A ideologia ou as ideologias encontram terras férteis nos meios político, econômico, religioso, social e profissional, mesma arena das principais ações humanas.

segunda vez fixa residência em Londres, onde estuda História e Economia e sobrevive escrevendo para a imprensa. Ajuda a fundar o movimento pró-socialista 1ª Internacional, a Associação Internacional dos Operários (1864) e o Partido Social-Democrático alemão. Em 1867, é publicado o primeiro volume de sua obra mais importante, "O Capital", livro com predominância de temas econômicos, resultado dos estudos no British Museum, em que trata da teoria do valor, da mais-valia e da acumulação do capital entre outros assuntos, sendo os demais volumes publicados após sua morte.

Vinicius de Sá Menezes

Figura B.4: Friedrich Engels

Friedrich Engels

Filósofo e socialista alemão (Barmen 1820 - Londres 1895), filho mais velho de um rico industrial alemão, teve uma experiência de significativa influência em sua vida ao conhecer uma fábrica de sua família na cidade inglesa de Manchester, onde pode presenciar a vida miserável dos operários e dos cidadãos em geral do lugar. Em 1844 conheceu Karl Marx, editor de um Jornal "Franco-Germano" em Paris, compartilhando com este desde então muitas idéias muito trabalho intelectual e de mobilização social revolucionária, consagrando naquele momento os termos burguesia e proletariado, duas classes sociais conflitantes e antagônicas. Devido aos problemas financeiros que afligiram Marx durante muito tempo, Engels ajudava-o com dinheiro regularmente. Embora tenha escrito muitas obras em parceria com seu inseparável amigo Marx, também produziu sozinho várias obras dentre as quais destaca-se: A Evolução do Socialismo de Utopia a Ciência e A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.

4 A História dos Annales

A Escola francesa de produção de história a partir de uma revista chamada *Annales*, surgiu em 1929, sendo reconhecida desde então pelo mesmo nome da revista que teve seu primeiro número editado em 15 de janeiro de 1929.

Seus fundadores, os franceses Lucien Febvre (Nancy, 1878 - Saint-Amour, 1956) e Marc Bloch - Marc Lâeopold Benjamim Bloch - (Lyon, 1886 - Saint-Didier-de-Formans, 1944), desejavam promover uma nova abordagem da história, substituindo a narrativa então tradicional dos acontecimentos - história dos grandes homens e de grandes batalhas - por uma "história-problema", em que fosse enfocada a história da humanidade em todos os seus campos da atividade - história totalizante, como já o desejavam Hegel e Marx -, e não tão somente dos aspectos políticos ou militares, comum a Escola Positivista.

Vinícius de Sá Menezes

Figura B.5: Marc Bloch

Vinícius de Sá Menezes

Figura B.6: Fernand Braudel

Também desejavam que houvesse um intercâmbio com outras áreas do conhecimento, como por exemplo: geografia, sociologia, psicologia, economia, antropologia social, lingüística e outros, com a nobre finalidade de dar conta de uma história com mais riqueza e mais completude sob o ponto de vista da natureza das informações.

Quando se fala em Annales, é comum que a ela se refiram como sendo uma "Escola" ou uma "Nova Escola", contudo, os mais cautelosos preferem denominá-la como "O Movimento dos Annales".

O Movimento dos Annales pode ser caracterizado pelo traço personalístico de suas lideranças e conseqüências políticas de gestão em três fases:

Materialismo: no marxismo este conceito está ancorado na concepção materialista da história denominada por materialismo histórico segundo Engels, pela qual a história do homem é a da luta entre as diferentes classes sociais, determinada pelas relações econômicas do seu tempo.

Sistema Econômico:- conjunto de princípios que disciplinam a produção de bens.

Sistema Social: conjunto de princípios destinados a orientar e regular o comportamento dos indivíduos numa determinada sociedade.

Socialismo: mais identificado com os aspectos econômicos que com os políticos, está centrado na propriedade coletiva dos instrumentos de produção. Portanto o capital é uma propriedade coletiva que tem como representante máximo o Estado. Prega a abolição total dos meios de produção, bens de capital, e não da propriedade privada. Embora o desejo de progresso econômico e bem-estar social sejam um desejo e necessidade coletivos, estes serão proporcionados pela administração central, o Estado.

FASE	PERÍODO	DIREÇÃO	COMPORTAMENTO
1ª	1929 a 1945 (entre Guerras)	Lucien Febvre e Marc Bloch	Grupo reduzido e radical, travando uma verdadeira guerra contra a história tradicional que, enfatizava as histórias política e dos eventos.
2ª	1945 a 1968 (pós-2ª Guerra)	Fernand Braudel	Introdução dos conceitos de estrutura e conjuntura; métodos de abordagem histórica baseados na história serial das mudanças de longa duração.
3ª	1968 a ...	André Burguière Jacques Revel Jacques Le Goff ...	Fase da distensão e da fragmentação mantendo-se a influência francesa, e aquisição de novos historiadores; retorno aos temas do político e dos eventos; inclusão de mulheres.

5 A Nova História Cultural

A Nova História Cultural nasce por evolução ou em oposição à "História das Mentalidades" por esta ter se mostrado inconsistente e vaga em sua metodologia, quer seja por sua ambigüidade, quer seja por sua imprecisão, contudo mantendo ainda alguma importância do mental como objeto de estudo.

A Nova História Cultural também advém da "História da Cultura", ampliando seu raio de ação ao demonstrar interesse pelas manifestações culturais e o papel de todas as classes sociais, com especial atenção ao popular e seus conflitos com as classes de outra estratificação, o que mostra uma nova forma de abordagem do tema.

Vainfas (1997) utiliza três importantes historiadores como paradigmas da Nova História Cultural para traçar algumas características dessa corrente, quais sejam:

A- Carlo Ginzburg

Ancorado em sua noção de cultura popular como sendo todas as formas de expressão, modo de viver e sentir a vida, próprios das classes subalternas, o italiano Ginzburg prioriza o estudo do conflito gerado por esse embate entre a cultura das classes dominantes e a cultura das classes subalternas em uma dimensão sociocultural.

B- Roger Chartier

Valoriza a interpretação da cultura no viés de classes sociais principalmente quanto a produção e consumo culturais. Para o francês Chartier, a cultura deve ser vista como uma prática através das categorias da representação e da apropriação.

Representação é o sentido que remete a algo ausente, passado, fazendo-o ser lembrado e, a apropriação, é a interpretação remetida à determinação essencial de uma certa classe pelo social, institucional e acima de tudo pelo cultural.

C- Edward Thompson

Quanto às classes populares, sua identidade social é construída na luta, em um processo de auto-reconhecimento consciente e não necessariamente revolucionário. Portanto, o inglês Thompson reconhece as lutas de classe com base na cultura de cada um dos atores num permanente processo de transformação.

6 A Micro-História

Vanessa Pinheiro Reyes

Figura B.7: Paleontólogo diante de um fragmento de osso que, provavelmente pertence a uma criatura pré-histórica

Carta: representação de uma dada superfície, em escala média ou grande.

Escala: Relação proporcional entre as dimensões dos elementos representados em um mapa, carta, fotografia ou imagem e as do terreno.

Escala Cartográfica:- Relação matemática entre as dimensões dos elementos no desenho e no terreno.

Escala Gráfica: representação gráfica da escala numérica sob a forma de uma linha graduada, onde se mostra a relação entre as distâncias reais e as representadas nos mapas, cartas ou outros documentos cartográficos. É representada por um segmento de reta escalar, indicando uma escala gráfica e sua correspondência real, podendo ser vista na Legenda ou na parte inferior direita da representação.

Pertencente a terceira geração dos *Annales*, a micro-história instrumentaliza o historiador à procura de objetos mais reduzidos e, portanto menos visíveis em uma primeira análise quanto ao seu grau de exposição, sem, no entanto perder de vista o seu contexto, permitindo, segundo a natureza das fontes, uma pesquisa mais profunda e consequentemente mais rica.

Embora seja um procedimento simples o entendimento dessa teoria, as explicações utilizadas, ainda que bem intencionadas, comportam métodos equivocados. Para a explicação do que vem a ser a micro-história utiliza-se o conceito de escala. Diz-se que é uma abordagem baseada na redução da escala de observação. Uma vez que o método de explicação está calcado na geociência (escala gráfica), esclareçamos os equívocos.

Primeiro equívoco: se estamos dizendo que reduzimos a escala para observar o objeto eleito, dizemos na verdade que estamos observando o mesmo objeto por um tamanho reduzido, redundando em prejuízo, pois se passa a perceber menos detalhes, contrariando o pretendido.

Segundo equívoco: quando se diz que é uma escala reduzida, na verdade deve ser dito que é uma escala maior, pois só assim se observa

melhor o objeto pequeno. Diante de um mapa do Rio Grande do Sul na escala 1:12.000.000 (um por doze milhões - definida como uma escala pequena porque mostra poucos detalhes, reduzidos), só conseguimos perceber algumas cidades, uns poucos rios, as Lagoas dos Patos e Mirim. Ao contrário, quando vemos o mapa do mesmo Estado na escala 1:240.000 (um por duzentos e quarenta mil - definida como uma escala média e, maior que a anterior porque mostra pequenos detalhes de forma mais visível, ampliados), percebemos mais e melhor a hidrografia, a delimitação geográfica de cada Município, os pequenos lagos, etc.

Desfeitos esses equívocos, utilizaremos outros dois exemplos para a fixação do conceito de micro-história.

Primeiro exemplo: o historiador diante de uma floresta decide concentrar sua pesquisa elegendo como objeto de estudo apenas e tão somente uma única árvore. No decorrer de sua pesquisa o historiador embora esteja concentrado naquela árvore, não poderá perder de vista que ela pertence a floresta e portanto deve mantê-la conectada ao seu coletivo.

Segundo exemplo: recorrendo a paleontologia, uma ciência de extrema contribuição à história, quando o pesquisador descobre um esqueleto (ou parte dele) de um ser do período Triássico, ele concentra em um primeiro momento naquele indivíduo, e descobre sua idade, as prováveis causas de sua morte, todas as suas dimensões, sua dieta, seu estilo de vida, seus predadores e, em um segundo momento, traça as características do mundo em que vivia.

Classificação Quanto a Natureza da Representação

Tipos	Escala	Quanto ao Tamanho
Carta Cadastral (de Detalhe)	até 1:25.000	Grande
Carta Topográfica (de Semi-Detalhe)	1:25.000 a 1:250.000	Média
Mapa Geográfico (de Síntese ou Reconhecimento)	a partir de 1:250.000	Pequena

Escala Numérica: É a escala de um documento cartográfico (Mapa, Carta ou Planta) expressa por uma fração ou proporção, em que se correlaciona a unidade de distância do documento à distância medida na mesma unidade no terreno.
Ex 1: 1:100.000 - lê-se 1 por 100.000.
O número "1" representa o tamanho natural ou real. O número "100.000" indica quantas vezes o "1" (tamanho real) foi reduzido.
Ex 2: 25:1 - lê-se 25 por 1.
O número "25" representa quantas vezes o número "1" foi aumentado. Aplicação: projeto de uma peça de relógio de pulso. Significa que 1cm no documento equivale a 100.000 cm no terreno, ou seja, 1000m ou 1Km.

Mapa: representação no plano, em escala pequena, dos aspectos geográficos, naturais, culturais e artificiais de uma dada superfície.

Planta: tipo de carta representando uma área muito restrita e, com escala muito grande. Ex: planta de um terreno, com escala de 1:50.

7 A História Regional

Inaugurada com a tese intitulada "*Beauvais et le Beauvaisis*" de Pierre Goubert em 1960, esse estilo de abordagem da história, comporta perfeitamente o espírito dos *Annales*, por dedicar-se a investigar os ambientes políticos, econômicos pertinentes àquela delimitação geográfica específica, sem, contudo, deixar de perceber entrelaçamentos com o seu entorno.

Sua obra vista hoje como clássica, é um dos exemplos de pesquisa econômica e social, em que trata de verificar com profundidade na Vila de *Beauvais* - pertence hoje ao Departamento francês de *Oise*, ha cerca de 60 Km ao norte de Paris - a vida de seus habitantes e seu trabalho, entre 1600 e 1730.

Através do trabalho dos *beauvaisis* - habitantes de *Beauvais* - que se dedicavam a agricultura e manufaturas de um modo geral, o autor confere importância tanto aos pequenos operários e lavradores, quanto aos grandes produtores, os fazendeiros, permitindo um estudo sobre o modo de vida e a estrutura tributária local.

A obra permite também traçar um paralelo entre a vida rural e a vida urbana que possuem entre si limites muito tênues, denunciando que naquele tempo de Luís XIV, havia um contraste muito grande, vendo-se de um lado o esplendor e de outro um quadro de miséria e de fome.

O conjunto de obras desse viés produzido nas décadas de 60 e 70, portanto transpassando a segunda e a terceira gerações dos *Annales*, exerceu elevada importância, inspirando o retorno de pesquisas ligadas aos temas das "Províncias" francesas em diversas universidades regionais.

Quanto ao emprego de "Região" pode-se associar o entendimento geográfico constitutivo de uma pequena localidade, uma cidade, um país, uma região composta por várias cidades ou por vários países.

8 A Pós-Modernidade e a História

Antes de abordarmos os entendimentos de Pós-Modernidade e a posição da História nesse contexto, parece-nos muito salutar relembrar algumas idéias construtoras do entendimento de Modernidade.

Por Modernidade, podemos entender o processo e o progresso científicos experimentados pela humanidade a partir do século XVI, indo até uma boa parte do século XX, quando ousando explorar o inexplorado - aqui fixando no século XVI -, uma reedição do "fruto proibido", muitos homens aventuraram-se pelo Oceano Atlântico com os seguintes propósitos:

1º) Encontrar outros caminhos para as suas metálicas necessidades comerciais.

2º) Satisfazer a necessidade de descobrir a que lugares lhes levariam ao perseguirem o horizonte.

3º) Provar as teorias a respeito da esfericidade terrestre.

É bem verdade que muitos outros o fizeram muito antes desse período, mas, não foi um momento tão espetacular, tão necessário quanto o que parecia ser aquele de muitos Colombos e de muitos Cabrais tão presentes e tão oportunos.

Iniciava-se uma época a partir da qual o espírito humano desafiaria o espírito divino e declararia que a técnica e a ciência em favor da produtividade favoreceriam o encontro com a felicidade e o progresso, ao promover uma vida de abundância e realizações. E por causa desse espírito humano, terrestre e consciente, houve represálias e tentativas de esvaziamento desse processo por parte daqueles que se intitulavam guardiões do regrado mundo divino, soberano do mundo terrestre, a igreja católica.

O infeliz resultado alcançado, fruto daquele processo, é o de termos a ciência a favor do progresso, mas, ao contrário do que se pensava, sem influir positivamente na valorização do ser humano em seu lócus social e cultural.

No século XX, a modernidade alcançou sua fase mais vigorosa e mais abrangente. Houve transformações na política, nas artes, na arquitetura, nos meios de transporte, na medicina do corpo e da parte invisível do corpo, no sexo, nas profissões, na ciência, nos estilos, nos valores, nas ideologias, nas teorias sociais, na filosofia, nas formas de subjugação humana, nas comunicações, nas telecomunicações, na informação etc.

Todo esse conjunto de atividades vivia uma época de profunda profusão do gênio humano, e embora negasse uma boa parte do que herdou do passado, significa uma fórmula nova motivada por uma tentativa de superar e negar aquele mesmo passado. Essa negação assumia um contexto de renovação da alma humana, como que fazendo provar o surgimento de um novo tempo, um novo período histórico, uma nova época histórica, mais longilíneo, mais direto, mais simples e, portanto sem os acessórios do período passado.

O ser humano deixou de ser transportado

Por **"Pós-Moderno"** podemos entender como tendo, entre outros, os seguintes significados: valorização da mistura e do hibridismo; presença constante da provisoriedade, da indeterminação, da incerteza e da transformação.

Categoria: é um conceito elementar para se pensar a realidade em seus aspectos gerais e adquire valor maior quando serve de parâmetro para uma dada realidade social concreta em qualquer tempo ou lugar.

Cultura - é o conjunto de comportamentos representativos de determinado grupo social, comportamentos esses estruturados a partir da forma como são organizadas as idéias e também da forma como a vida material acontece. A organização dessas idéias produz um entendimento de mundo e instrui sobre como se deve nele interagir. A partir desses entendimentos, podemos deduzir, de forma mais ampliada, que cultura compreende tudo o que existe, quer seja por ação da natureza, quer seja por ação da inteligência humana, e por isso mesmo não contempla uma estrutura estática, mas sim, uma forma dinâmica em que se permite, com o decorrer do tempo, algumas modificações.

Fenômeno: tudo, absolutamente tudo o que acontece na natureza.

Locus: contempla a idéia de lugar.

Paradigma: modelo, padrão, referência.

Viés: esguelha; través; linha de interpretação; abordagem metodológica.

por hipomóveis para os automóveis. Explorou as profundezas dos mares e dentro do sistema solar explorou humana e mecanicamente alguns dos seus astros. Deixou de viver na arquitetura horizontal de outrora para viver na verticalizada, novo símbolo do conglomerado, do imponente, do importante e magistral.

No final do século XX, surgiu o interesse ou a necessidade da reconstrução ou remodelação da alcunha da grande fase cronológica e laboral conhecida por "modernidade" - termo que até então não conhecia as fronteiras da maturidade ao mostrar-se sempre novo, sempre atual -, e encontrou-se um outro que alguns o repelem ou o combatem por vê-lo como esdrúxulo, mas que enquanto isso é o mais sonoro, tido por "Pós-Modernidade".

Provavelmente têm influência nessas características, as novas tecnologias de informação e comunicação, responsáveis pelo alcance inimaginável de pessoas em tempo real de âmbito intercontinental, e, uma rapidez de igual magnitude no ambiente comercial, fazendo com que haja ao menos em alguns aspectos, algum grau de homogeneização no comportamento e na forma de pensar de inúmeras comunidades de diferentes estruturas sócio-culturais.

Diante de fenômenos como esses, é importante que os profissionais da história estejam atentos para percebê-los e entendê-los, sem que percam de vista que em última análise, tudo é história. A História como ciência e/ou como arte, é uma "encruzilhada" por onde passam todos os caminhos. Tão inútil quanto buscar o início da história, é tentar imaginar o fim da história. Não é a queda de muros como o de "Berlim" que provocará uma mudança obrigatoriamente estrutural na sociedade. Não é a supremacia militar dos EUA no início do século XXI que será definitivamente determinante para uma reacomodação das demais forças. Não são os resultados de uma eleição que eliminarão ou darão início a minimização de todos os males até então construídos pelos governantes brasileiros em toda a sua história.

Pensa-se assim porque também não foram os revolucionários bolcheviques de 1817 que devolveram ao povo russo a justiça, a igualdade e a liberdade. Não foi o nazismo que em detrimento de seu poder militar, levou a ordem, a justiça e o progresso ao mundo. Não foi o golpe de 1964 no Brasil que o salvou do caos e da desordem. Em cada um desses exemplos, seus principais atores não levaram outra coisa além da morte e injustiça aos seus adversários.

A vida, a história continua a sua marcha ininterrupta, progressiva e regular independente do rumo e do tempo que lhe caiam à face.

Atividade Final

As informações contidas nesta unidade poderão ser melhor estudas nas seguintes obras: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História:** novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992; BURKE, Peter. **A Escola dos Annales** (1929 - 1989): a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Unesp, 1997 e CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História:** ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, todas disponíveis na biblioteca do Pólo.

UNIDADE C

O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES E CONCEITOS DE HISTÓRIA

Objetivos da Unidade

Ao final desta Unidade, espera-se que o aluno seja capaz de:

- Possibilitar a identificação de atributos a serem desenvolvidos pelas pessoas, a fim de aperfeiçoar a vida em sociedade.
- Verificar e entender o complexo mundo das necessidades especiais através de suas características básicas.
- Verificar como se dá a noção de tempo em algumas culturas, como se constrói e se firma as diversas marcas do passado, e como as relações sociais acompanham a evolução da humanidade.

Introdução

Nesta unidade, serão trazidas aos profissionais da área de ensino algumas competências do conjunto das que são necessárias ao novo paradigma de educação, a inclusiva, que tem a pretensão de servirem de ferramentas em uma melhor condução da vida, tanto em sala de aula quanto fora dela. Verificar-se-á para tanto, a classificação feita pelo MEC das várias necessidades especiais como forma de introdução nesta demanda pedagógica. Por fim serão abordados os temas pertinentes à construção das referências temporais, da memória individual e coletiva, e das relações sociais.

1 O Desenvolvimento de Habilidades Sociais

Por habilidades sociais ou competências, pode-se entender o conjunto de comportamentos que possui uma pessoa ou grupo de pessoas para agir ou interagir com outras pessoas em situações normais ou diante daquelas de comprovada violação dos direitos individuais e coletivos que, lhe exija solução ou resposta imediata, de forma a apresentar resultados apaziguadores ou de cooperação na busca da justiça social, tendo como meio mais eficiente a educação ou a reeducação daqueles que se mostrem mais refratários.

O ser humano é por excelência um ser global, ou seja, dotado de capacidade de exercitar um conjunto vasto de habilidades em todos os campos do comportamento ou da intelectualidade.

Com o desenvolvimento/evolução da sociedade - o que pode ser visto neste aspecto como um bom exemplo de evolução humana - está sendo exigido o exercício de certo aprimoramento da participação humana voltada para o coletivo, extrapolando, portanto as fronteiras da individualidade, direcionado para as pessoas portadoras de necessidades especiais, quer estejam na escola ou fora dela.

Assim sendo, vai-se ao encontro dos objetivos do MEC traduzidos no "Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade", conforme divulgado em seu sítio eletrônico, www.mec.br/seesp que visa:

> disseminar a política de educação inclusiva nos municípios brasileiros e apoiar a formação de gestores e educadores para atuar como multiplicadores no processo de transformação dos sistemas educacionais em sistemas educacionais inclusivos.

Ressalta-se que a educação inclusiva não deve estar circunscrita somente ao ambiente escolar. É um comportamento a ser praticado em todos os ambientes e para personagens das mais variadas naturezas, estejam no local de trabalho, de lazer ou outro qualquer.

As necessidades especiais ocorrem pelos seguintes motivos: por questões de natureza genética (congênita) natal ou pós-natal; decorrentes de acidentes; decorrentes de envelhecimento ou por alguma disfunção orgânica. Essas necessidades especiais podem ser de natureza cognitiva, física e/ou emocional.

A seguir, elencamos alguns dos atributos julgados de interesse para a modelação do perfil de profissional ideal, em obediência ao novo paradigma de necessidades educacionais especiais, com uma pequena descrição acerca de cada um deles. Estes são uma amostra de comportamentos que devem ser apresentados e desenvolvidos principalmente em profissionais que estarão em contato com os portadores de necessidades especiais, que também serão tanto quanto seus professores, responsáveis pela difusão dessa visão aperfeiçoada de novo modelo de sociedade, mais justa e mais humana:

A. Auto-avaliação

Deve-se estar em constante análise de si mesmo auxiliado por outros ou não, para conseguir determinar se as ações ou pensamentos estão compatíveis com os objetivos propostos.

B. Capacidade de trabalho ou de desempenhar tarefas

É importante conhecer o seu potencial produtivo para concluir uma tarefa, possibilitando assim definir se é hábil o suficiente e se necessita de ajuda para o encargo.

C. Confiança

É de extrema importância a certeza no resultado final para si e para os que dependem de outros.

D. Cooperação

Talvez seja uma das principais ferramentas para a vida em sociedade, a capacidade de executar tarefas em conjunto.

E. Coragem física e moral

A coragem física é o exercício de permitir expor-se a perigos, e a coragem moral é o exercício de manter-se defensor dos seus princípios independente do que lhe venha a afrontar. Em algumas situações, exigem-se da pessoa as duas coragens.

F. Criatividade

É a capacidade de improvisar e encontrar respostas, saídas ou alternativas até então impensadas.

G. Dedicação

É a firmeza e concentração em uma tarefa até a sua conclusão.

H. Demonstração de afeto

É o comportamento típico das pessoas sensíveis e que por isso mesmo percebem que o outro necessita de um cuidado, uma atenção especial em momentos também especiais.

I. Diálogo

O diálogo pressupõe a existência de comunicação e a instalação de redes alternativas de encaminhamento de questões e de soluções.

J. Divisão de tarefas

A capacidade do desenvolvimento de tarefas deve estar aliada à capacidade de descobrir o que se deve fazer, e de descobrir quais as pessoas mais habilitadas ao desempenho de cada uma delas. Tarefas compartilhadas promovem melhor utilização do tempo.

K. Flexibilidade

Significa a capacidade de aceitar mudanças tanto na concepção original de um projeto quanto no seu desenvolvimento, desde que os objetivos sejam mantidos.

L. Honestidade

Talvez seja a qualidade que mais se deseja e que mais falte no ser humano. É a natureza das pessoas dispostas a agir com correção e lisura, capazes de manterem-se fiéis às suas tarefas, sem se desviarem por motivos fraudulentos.

M. Organização

É a capacidade de se manter sempre correto na disposição de suas condutas e na de seus utensílios, o que pressupõe asseio e métodos bem estruturados.

N. Responsabilidade

É uma qualidade que nunca saiu de moda, sempre esteve associada a qualquer outra condição. Uma pessoa responsável possui todas as garantias para a execução ou gerenciamento de uma tarefa com qualidade e eficiência.

O. Solidariedade

Essa talvez seja a atribuição mais falada e mais propagada nesse momento de retomada da valorização da vida e da ética. São ações destinadas a ajudar pessoas em situação de risco provocado por algum sinistro ou não. Este atributo pode ser desempenhado por pessoas isoladas ou em grupo, por órgãos municipal, estadual ou federal, ou organizações não-governamentais.

P. Tomada de decisão

As pessoas estão em permanente estado de comunicação, relacionando-se pelos mais diversos motivos, pelas mais diversas formas. Assim sendo, a todo momento vive-se a oportunidade de ter que decidir e não raro uma ou mais pessoas são qualificadas ou indicadas para essa escolha, decisão. Não se pode deixar de fazê-lo, e de preferência no momento mais adequado e da forma também a mais adequada.

Q. Vontade de aprender

Esse deve ser um dos principais "motores" do mundo do conhecimento, o mundo mais vasto e mais rico de que se tem notícia.

R. Capacidade de relacionar-se com pessoas conhecidas e estranhas

Deve-se ter sempre o espírito disposto a fazer contatos e, não temer a abordagem de pessoas com as quais nunca conversou.

S. Capacidade de ensinar e de aprender

Deve-se ter em mente que a vida é uma permanente oportunidade de ensinar e aprender, independente da condição de ser aluno, professor ou outra situação qualquer.

T. Capacidade de Administrar conflitos

A convivência em grupo experimenta entre outras situações, as que são de conflito. Para esses casos se deseja pessoas com habilidades suficientes para a contemporização.

U. Capacidade de perceber e aceitar as dificuldades nas outras pessoas

Capacidade de entender que cada pessoa tem seus limites e possibilidades, independente de sua natureza profissional ou qualquer outra. Contudo, mesmo que se perceba em alguém mais limitações que possibilidades, essa pessoa certamente será capaz de contribuir de alguma forma.

V. Equilíbrio emocional diante de situações adversas

Capacidade de manter-se estável e controlado ante o inusitado.

W. Ouvir as pessoas e suas reclamações ou simplesmente as suas histórias ou seus desabafos

Capacidade de dar ouvidos, escutar, dar atenção às emoções humanas. Há sempre alguém necessitado de falar e ser ouvido, ter em alguém uma parte do tempo do mundo a seu dispor. É um exercício de manutenção da vida por parte do falante, e um exercício de atenção por parte do ouvinte. É também um ritual de passagem, pois deve-se sempre acreditar que naquela conferência valores serão descobertos e difundidos.

X. Humor

É sempre muito revigorante o exercício da alegria e da descontração pelo riso e por outras formas de satisfação.

Para melhor compreensão, verificar no sítio eletrônico www.mec.br/seesp, os objetivos Específicos do Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade, informando sobre os conceitos da Educação Especial e quais os tipos de atendimento.

As habilidades que por ventura venham a ser vistas como ideais para o contexto da Educação Especial na modalidade de ensino a distância, são na verdade mais universais, mais abrangentes ou se deseja que assim sejam.

Por conta disso, a Secretaria de Educação Especial tem como prioridades: "assegurar aos alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, as condições para ter acesso e permanência na escola, desenvolvendo as suas potencialidades em todos os níveis, etapas e modalidades da educação, na perspectiva de construir uma educação inclusiva", conforme consta do Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade.

2 Desenvolvimento de Conceitos de Tempo, Memória e Relações Sociais

A) Tempo

Do latim "*tempu*", significa unidade de medida de duração da vida e das coisas. Para a interpretação de "tempo", requer situar o conceito conforme a cultura que, por sua vez, está determinada por fatores geográficos, forma de quantificação, bem como de sua identificação.

O tempo pode designar a medida que contém a observação do dia e da noite representados pelo sol e pela lua que, derivará na contagem e identificação das estações, que por sua vez possibilitará a contagem de períodos que derivarão os anos e todos os seus múltiplos.

Embora possam conviver em um mesmo contexto social e geográfico várias culturas, cada uma delas poderá conter um modo diferente de contagem do tempo. Essa forma diferente de contagem do tempo é sempre construída conforme seus modelos míticos que, neste caso estão ligados à religião.

Independente do modelo de religião que inspira o espírito de mensuração do tempo há sempre na amplitude de seu contexto, a história de uma civilização, seu passado, seu presente e seu futuro. Funciona como um marco regulador de todas as formas de pensar e agir no seio daquela cultura. É, portanto um exercício das relações que se pode traçar entre cronologia, convivência social e história. Nada mais importante como referência dos acontecimentos e criações humanos do que o tempo.

Os cristãos estarão comemorando em 25 de dezembro de 2005, dois mil e cinco anos do nascimento de Jesus de Nazaré, que havia sido anunciado pelo Antigo Testamento.

Os judeus acreditam que estão vivendo o ano 5761, contado desde a criação do homem, 6º dia, conforme o Livro Gênesis da Bíblia Cristã Católica Apostólica Romana.

Segundo Santos (1998, p. 83), "O tempo se dá pelos homens. O tempo concreto dos homens é a temporização prática, movimento do mundo dentro de cada qual e, por isso, interpretação particular do tempo por cada grupo". Cada sociedade constrói o seu entendimento de tempo conforme seus desejos e suas necessidades.

Não se pode esquecer, porém, que a natureza possui a sua dimensão de tempo funcionando a revelia do tempo da humanidade. A natureza é na verdade que deveria ser o relógio de todos os relógios, a medida de todas as coisas, mas lamentavelmente não é.

Na construção do conceito 'tempo' é necessário estabelecer uma relação entre o tempo cronológico, o tempo social (vivido) e o tempo histórico. Conhecer o conceito 'tempo' demarcado em seqüência linear, dia, meses e anos é fundamental para o entendimento buscado. O tempo, o espaço e a humanidade

são partes indissociáveis. A partir destes três elementos verifica-se a história.

Durante uma boa parte da Idade Média, a Europa vivia sob a forte dominação material e espiritual da igreja Católica. Período em que se tinha a compreensão do "Tempo de Deus". O Tempo de Deus era o período compreendido entre o término das atividades humanas no fim do dia e o início de suas atividades na manhã seguinte. Pode-se dizer que era a parte noturna do dia. Nesse tempo destinado ao senhor era proibido o exercício de qualquer atividade lucrativa como, por exemplo, a especulação financeira - ganhar dinheiro aplicando juros pelo período de vinte e quatro horas por dia.

Outro acontecimento importante na história da contagem do tempo foi quando do surgimento do relógio tal qual conhecemos hoje, em que os donos das fábricas adiantavam o relógio próximo a hora de entrada dos funcionários e atrasava-o à saída - manipulação do tempo -, como forma de ganhar maior produtividade de seus funcionários por aumento absoluto na jornada de trabalho, sem a equivalente remuneração. Isso foi possível porque naquele tempo o relógio era um objeto muito caro e, portanto somente poucos o possuíam. O relógio revolucionou os costumes e fez com que a métrica temporal tomasse outra dimensão.

Todas as demais tecnologias desenvolvidas pela humanidade no século XX e neste início de XXI, impuseram uma nova compreensão de tempo que até então não se tinha vivenciado. As distâncias entre as pessoas ficaram menores e ao invés de produzir mais conforto, produziu mais exigências em função de se não querer "perder tempo".

Você Sabia?

Estes acontecimentos poderão ser mais bem estudados na obra LE GOFF, Jacques. **A Bolsa e a Vida:** a usura na Idade Média. São Paulo: Brasiliense, 1989.

B) Memória

Memória, aqui estudada não somente como o conjunto de lembranças das pessoas, remete ao acontecido, ao que já foi construído, por onde já houve a intervenção da humanidade ou de maneira mais complexa, vestígios da própria natureza. É, portanto, a eternização da passagem do tempo verificando-se a produção humana e sua paisagem.

Tudo que existe é resultado de ações passadas e, portanto o exercício de identificação por mais individual que seja, é no fundo, uma ação de valor plural.

A atividade de memória está nos mais simples gestos no cotidiano das pessoas. Ao se fazer um cadastro, por exemplo, em um banco qualquer, devem ser citados pelo interessado, seu nome todo, filiação, número da identidade, número do CPF, endereços residencial e profissional, duas pessoas de seu relacionamento que sirvam de referência, entre outras exigências. Todas essas informações são a memória de uma única pessoa e nessa memória serão verificadas ou conferidas:

- A que família pertence, sua genealogia.
- Informações nos órgãos da administração estadual.
- Informações contábeis (bens, dívidas e renda) diante da administração federal.
- Referências geográficas.
- Pessoas que podem relatar ao banco informações de idoneidade moral e financeira sobre o interessado e, ao mesmo tempo garantir àquele estabelecimento, a sua própria idoneidade moral e financeira, em uma forte alusão a um velho ditado popular cuja autoria desconhecemos, onde consta que, "diga-me com quem andas e te direi quem és".

A memória, que tem sua fundação no indivíduo, num fato analisado de forma isolado, extrapola essa possibilidade principalmente em função da condição precípua de que, todos os acontecimentos estão intimamente conectados de alguma forma.

A humanidade construiu a eternização de sua passagem pelos lugares através das mais variadas formas. Encontramos essa memória nas inscrições rupestres, nas pirâmides, nos templos, nos livros e em infinitas outras formas, das mais simples às mais avançadas. Mais que um ritual, é uma cultura que está na gênese de todos os seres, portanto, tem fundo voluntário ou não.

Existe um pensamento cujo autor desconhecemos que, fala da necessidade de se fazer quatro coisas de importância fundamental: escrever um livro; plantar uma árvore; ter um filho homem e conhecer Roma.

Excetuando as condições de gênero e outras tão polêmicas incrustadas nesta frase e que não são de nosso interesse tratar delas, são todas essas ações, formas de se eternizar, de se tornar memorável, de se evitar a morte. Pelo livro fica uma inscrição a ser lida por inumeráveis pessoas em qualquer tempo ou lugar; plantar uma árvore é uma atitude de dar vida eterna ao planeta Terra, nossa morada; o filho homem, garante ao menos na cultura ocidental tradicional, a continuação do nome da família, imortalidade de sua geração, e ir a Roma (poderia ser Grécia, China, Japão, Peru, México e outros), é ver a memória de uma civilização que ainda sobrevive em todos nós em função do seu legado cultural.

Memorial Mallet - Mausoléu do Marechal Emílo Luiz Mallet (Barão de Itapevi), patrono da Artilharia brasileira

Figura C.1: Este Mausoléu, que abriga os restos mortais do insigne patrono e da Baronesa de Itapevi, localiza-se no interior do 3º Grupo de Artilharia de Campanha Auto-Propulsado, Regimento Mallet , em Santa Maria, RS, Brasil.
Fonte: Fotografia realizada pelo conteudista em novembro de 2004, disponível em Pinto (2005).

Entrada Principal do Regimento Mallet

Figura C.2: Portão Principal do 3º Grupo de Artilharia de Campanha Auto-Propulsado (3º GAC AP) Regimento Mallet, um dos abrigos imortais de bravos sul-rio-grandenses participantes da Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai e uma das Organizações Militares mais tradicionais do Exército Brasileiro. Em seu mastro vê-se hasteada *ad eternum* a insígnia do seu imortal comandante durante a campanha do Paraguai, o Marechal Mallet.
Fonte: Fotografia realizada pelo conteudista em novembro de 2004, disponível em Pinto (2005).

Atividade - C.1

Pesquise em sua região, os monumentos, bustos, nomes de ruas, edificações e quartéis. Certamente encontrará uma grande coleção de vestígios memoriais de ordem pessoal ou coletiva.

C) Relações Sociais

É o conjunto de atitudes e comportamentos adotados individual ou coletivamente para o estabelecimento de canais de comunicação entre as pessoas.

Esses comportamentos podem estar normatizados segundo critérios específicos impostos pelos ambientes de trabalho, de religião, de família, de escola, de entretenimento ou outros quaisquer, com a destinação precípua de servirem como instrumento de regulação do comportamento de seus componentes.

Os seres humanos por excelência têm sua natureza voltada à socialização, à vida em grupo, a viverem em sociedade. É, portanto, em um contexto de intercâmbio que se criam as possibilidades do estabelecimento de estatutos, regras de convivência social.

A soma de todos esses ambientes e seus regimentos define os hábitos, tradições e costumes, dotando o grupo de uma cultura que lhe caracteriza diante de outros. Estão, portanto, as relações sociais estruturadas dentro de um conjunto de outras relações, sendo que dentre todas, as de poder tem presença determinante.

Quando se refere às relações sociais em um contexto cultural, está implícito que é uma estrutura de extrema dinamicidade sofrendo a influência do tempo e do espaço, que por sua vez será influenciada pela erupção das idéias das pessoas, e, dentre essas formas em eterna movimentação, estão as tecnologias da informação e comunicação que, interagem com essas estruturas de modo tão profundo que, permitem o surgimento de outras formas de relações sociais dignas de atenção e estudo.

Atualmente em que o computador e sua conexão com a rede mundial de comunicação, a internet, estão muito presentes na vida de muitas pessoas, experimenta a humanidade relações sociais muito diferenciadas das formas até então vividas. São pessoas que exercem sua sociabilidade através dessa ferramenta, e em muitos casos esquecem-se das outras formas de expressão e comunicação, podendo desenvolver patologias importantes.

Diante do exposto, argumenta-se que a construção da História se dá no dia-a-dia, ontem, hoje e em função do que a natureza nos proporciona. Acredita-se, diferentemente dos historiadores tradicionais - que não concebem a História como um instrumento relacionado com futuro, mas que a percebem meramente como um acúmulo de conhecimentos registrados em papel ou em memória, referentes ao passado - que ela, a História, deva propiciar uma melhor compreensão das relações sociais passadas, presentes e também futuras.

Figura C.3: Nesta imagem, notam-se vários tipos de relações sociais. Exemplo: comerciais; conversa com amigos e desconhecidos; namoros; vendedores ambulantes; comércio de idéias pelos políticos e não-políticos; comércio de estética e de vaidades pela exposição aos olhares e muito mais.

Fonte: Fotografia realizada pelo conteudista no "Calçadão de Santa Maria" (1ª quadra da Rua Dr. Bozano).

Figura C.4: Nesta imagem, vê-se o prédio da Câmara de Vereadores de Santa Maria-RS, local onde ocorrem vários tipos de relações sociais.

Fonte: Fotografia realizada pelo conteudista.

Figura C.5: Nesta imagem, vê-se a Prefeitura de Santa Maria-RS, local onde ocorrem vários tipos de relações sociais. Fonte: Fotografia realizada pelo conteudista.

Figura C.6: Nesta imagem, vê-se o portão de acesso à Universidade Federal de Santa Maria, local privilegiado onde se verificam inúmeros tipos de relações sociais.

Fonte: Fotografia realizada pelo conteudista.

Figura C.7: Nesta imagem, nota-se parte das relações sociais vivenciadas na Educação a Distância, implementada pela interação por meio do computador e da *internet*.

Fonte: Fotografia realizada pelo conteudista em uma das salas da Educação a Distância.

Atividade Final

As relações sociais estão também na gênese da humanidade. Certifique-se disso em sua escola, e em todos os outros locais por onde existem atividades de intercâmbio humano, principalmente em repartições públicas.

Referências

Referências Bibliográficas

BARROSO, Vera Lúcia Maciel. **O Ensino de História**: qual metodologia? Revista de Ciências e Letras. Porto Alegre: Ponto e Vírgula Acessória Editorial, 1996.

BLOCH, Marc. **Introdução à História.** Sintra: Europa-América, 1976.

BORGES, Vavy Pacheco. **O Que é História.** São Paulo: Brasiliense, 1980.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas.** Portugal: Europa-América, 1983.

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais.** Lisboa: Editorial Presença, 1972.

BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

_____. **A Escola dos Annales (1929 - 1989)**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Unesp, 1997.

_____. **História e Teoria Social.** São Paulo: Unesp, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

DOSSE, François. **A História em Migalhas.** São Paulo: Ensaio/Unicamp, 1992.

FÈVRE, Fermín. Cándido LOPEZ. Buenos Aires: Bifronte, 2000.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes:** o Cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. Tradução de Maria Betânia Amoroso e José Paulo Alves. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História:** novos problemas, novas abordagens, novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 3 vol., 1976.

_____. **A Bolsa e a Vida**: a usura na idade média. Tradução de Rogério Silveira Muoio. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** história, geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação.** Brasília.

MEINECKE, Friedrich. **El Históricismo y su Genesis.** México: Fondo de Cultura Economica, 1943.

OS PENSADORES. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

PINTO, Genivaldo Gonçalves. **O Império da Força:** as relações do império do Brasil e a República do Paraguai na Primeira Fase do Pós-Guerra da Tríplice Aliança Contra o Governo do Paraguai (1º de maio de 1870 a 1º de maio de 1876) 2005. Dissertação (Mestrado em Integração Latino-Americana) - Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2005.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo.** São Paulo: Hucitec, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria Cultural e Educação:** um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TÉTART, Philippe. **Pequena História dos Historiadores.** Bauru: Edusc, 2000.